

## ESTUDO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR VIVENCIADA POR ADOLESCENTES: RELATO DE UM CASO ATENDIDO PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIRETOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE.

Jamille Mansur Lopes<sup>7</sup>  
Natália Corrêa Silva<sup>8</sup>  
Lucilla Maria Moreira Camargo Simões<sup>9</sup>

**Resumo:** Atualmente, é possível verificar que existe um aumento no número de casos de violência intrafamiliar no Brasil, fazendo com que esse assunto alcance uma maior repercussão e atenção da população. O presente trabalho tem como objetivo descrever a importância da atuação da equipe de psicologia do NEDDIJ por meio de um relato de caso. Ao longo dos atendimentos, foi possível verificar uma evolução no caso da adolescente atendida.

**Palavras-chave:** Violência. Adolescente. Psicologia.

**Abstract:** At present, it is possible to verify that there is an increase in the number of cases of domestic violence in Brazil, making this subject reach a greater repercussion and attention of the population. The present work aims to describe the importance of the performance of the NEDDIJ psychology team through a case report. During the visits, it was possible to verify an evolution in the case of the adolescent attended.

**Keywords:** Violence. Teenager. Psychology.

### INTRODUÇÃO

O aumento nos casos de violência intrafamiliar no Brasil fez com que o assunto tivesse maior repercussão, chamando atenção da população e da rede de proteção para tal assunto. As maiores vítimas são mulheres e crianças. O conceito de situação de risco e vulnerabilidade social pode ser descrito como situações em que a criança ou o adolescente estejam em condições expostas à violência doméstica, prostituição, maus-tratos, criminalidade, abusos, abandono e a um emaranhado de experiências envolvendo privações de cunho emocional, cultural e socioeconômico, que desfavorecem o desenvolvimento físico e psicossocial (CALEJON, 2011; SIERRA, 2006).

Já o conceito de violência intrafamiliar, pode ser definido como ações ou omissões que prejudiquem indivíduos no contexto familiar, além disso, é tido como um problema social e se caracteriza como qualquer tipo de relação de abuso no qual o agressor interfere no bem estar pessoal e no pleno desenvolvimento do indivíduo que sofre violência. A violência é praticada no contexto privado da família contra qualquer um dos seus membros, podendo ser denominada como violência intrafamiliar ou violência doméstica. Tal violência pode ocorrer direta ou indiretamente e de diferentes formas, (física, psicológica, sexual e negligência) que são somente descritas de forma didática, já que diversas vezes a violência acontece de forma dinâmica e simultânea.

A violência física ocorre quando um indivíduo, por meio da força, causa ou tenta causar algum dano. Já a violência psicológica, acontece no momento em que o agressor

<sup>7</sup> Psicóloga Bolsista do NEDDIJ – jamille\_mansur@hotmail.com

<sup>8</sup> Graduanda do 5º ano do curso de Psicologia e bolsista do NEDDIJ – correanati07@gmail.com

<sup>9</sup> Psicóloga supervisora do NEDDIJ – lucillacamargo10@gmail.com

submete o outro a humilhações que causem danos à autoestima, à identidade e ao desenvolvimento pessoal. O abuso sexual pode ser descrito como uma situação em que uma pessoa é usada para estimulação sexual em que o objetivo é a satisfação apenas do abusador. Não necessariamente precisa ocorrer penetração, pode ser também toques, prostituição, carícias, pornografia e abuso sexual verbal. Por derradeiro, a negligência refere-se ao comportamento de omissão do responsável pelo incapaz (criança, adolescente, idoso, portador de necessidades especiais) em prover as necessidades básicas para o seu desenvolvimento (PEREIRA, 2009; VELTMAN, 2001).

Determinados autores distinguem que além da violência direta ao menor, existem casos em que a criança vivencia os maus tratos em seu ambiente familiar, os quais não são caracterizados como violência infantil. Dessa maneira, não somente a violência direta é prejudicial para a criança, como também a presenciada de forma indireta (PEREIRA, 2004; VELTMAN, 2001; BRANCALHONE, 2004). Uma das dificuldades que ocorre na discriminação do agressor é o fato de que nem sempre ele é uma pessoa estranha, pois ele está dentro de casa e é uma pessoa próxima (DAY, TELLES, ZORATTO, AZAMBUJA, MACHADO, SILVEIRA, DEBIAGGI, REIS, CARDOSO E BLANK, 2003). Dessa maneira, justifica-se a importância da rede de proteção à mulher e à criança, surgindo a abertura de órgãos públicos para atender e orientar famílias vítimas de tal abuso, como por exemplo o Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude (NEDDIJ) que atua judicial e/ou extrajudicialmente para o alcance do fim proposto, juntamente com psicólogos, que promovem o acompanhamento constante da criança, do adolescente, e suas famílias.

O presente trabalho descreve o atendimento feito pela equipe de psicologia do NEDDIJ sobre o caso de uma adolescente de doze anos que vivia de maneira precária com seus irmãos aos cuidados da genitora e do padrasto. Posteriormente, a infante e os irmãos mudaram para a casa do pai, mas a negligência permaneceu. Ao mudarem para a casa da avó materna, que procurou o núcleo, o atendimento psicológico foi oferecido e a cliente está em atendimento até o presente momento. O caso de Ana (nome fictício) foi atendido pela psicóloga do NEDDIJ, projeto que tem o objetivo de garantir gratuitamente os atendimentos jurídico e psicológico as crianças, adolescentes e suas devidas famílias. O NEDDIJ é um programa da Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), com recursos do Governo do Estado em parceria com a Universidade Estadual de Londrina através da Pró Reitoria de Extensão (PROEX).

No que tange a defesa dos direitos da criança e do adolescente, o psicólogo tem uma atribuição extremamente importante no sentido de contribuir, juntamente com outros profissionais, em prol de tais direitos, para que sejam cumpridos. A equipe de psicologia busca contribuir para que haja o arranjo de uma rede de apoio social para o infante em situação de risco, dando-lhe suporte psicológico e oportunizando que a criança e o adolescente aprendam comportamentos que se caracterizem em fatores de proteção e resiliência para a melhoria da qualidade de vida e para o ajustamento psicossocial em geral. Desta forma, cabe ao psicólogo observar as questões emocionais envolvidas e criar oportunidades para que o infante aprenda a lidar de forma mais saudável com seu ambiente físico e social. O presente trabalho tem como objetivo descrever a atuação da equipe de psicologia do NEDDIJ no acompanhamento de uma adolescente fragilizada em contato com a violência e maus tratos. Compete a esses profissionais facilitar amparo e possibilidades de enfrentamento a esta população, bem como treinamento de habilidades sociais e comportamentos alternativos.

## RELATO DO CASO

Ana (nome fictício), 12 anos foi Em relação aos atendimentos, Maria (nome fictício), a avó materna da cliente, procurou o NEDDIJ, encaminhada pelo Conselho Tutelar de Londrina, a fim de regularizar a guarda dos netos (Ana, sexo feminino, 12 anos de

idade no início do atendimento e Ryan, sexo masculino (nome fictício) de 10 anos de idade no início do atendimento). De acordo com a avó, a cliente vivia com seus irmãos aos cuidados da genitora e do padrasto. Os infantes eram expostos à situação de vulnerabilidade e risco ao seu desenvolvimento saudável. A avó descreveu que a mãe não provia a alimentação básica aos filhos, de modo que estavam sempre famintos. Ademais, os menores eram agredidos física e psicologicamente pelo companheiro da genitora, sob a anuência desta. Explicou que a genitora não era apenas conivente com a situação, como também praticava violência psicológica contra os filhos, mediante xingamentos constantes, além de ser ausente afetivamente.

Maria contou que quando o pai tomou ciência da situação vivenciada pelos filhos, retirou as crianças do lar materno e levou para morar consigo. Contudo, as condições vividas no lar paterno eram igualmente prejudiciais ao desenvolvimento pleno das crianças. A avó disse que o genitor era negligente com as atividades domésticas e deixava a cargo dos filhos a execução de todas as atividades, sob pena de serem castigados. De acordo com Maria, as atividades exercidas por elas eram incompatíveis com a idade das crianças, além de constituir evidente negligência e exploração pelo genitor.

A situação perdurou por cerca de um ano e meio e, após esse período, sem nenhum motivo aparente, o genitor se recusou a continuar exercendo a guarda física dos filhos e os entregou aos cuidados de Maria. A partir disso, o pai começou a ameaçar a integridade física de Ana, dizendo a ela que iria se dirigir até a escola “para quebrá-la ao meio” (sic.), além de agredi-la psicologicamente por meio de xingamentos de baixo calão, o que evidenciava a nocividade da conduta paterna. O atendimento advocatício, oferecido pelo núcleo, fez o pedido judicialmente para que o pai fosse proibido de qualquer acesso ao ambiente escolar da filha, inclusive de se aproximar do colégio ou de retirar a Ana de lá.

Desde então, a avó tem a guarda dos netos e é responsável por prover a assistência material, moral, afetiva, educacional e médica, indispensáveis ao bem-estar e desenvolvimento pleno das crianças, dentro de um ambiente estável e saudável, isento de vícios. Os atendimentos foram realizados ao longo de quinze sessões com o objetivo de investigar o histórico da adolescente, realizar o *rapport*, promover a melhora da autoestima e aumento no repertório de comportamento de enfrentamento.

O motivo da procura do atendimento psicológico de Maria para a neta, foi pelo fato de que Ana estava vivenciando mudanças, estava constantemente sendo ameaçada pelo pai e desconfiava que a neta poderia ter sido abusada pelo padrasto. A avó relatou que muitas vezes sua filha era obrigada a transar com o marido: “*é estupro, né?*” (sic) e que uma vez o mesmo, alcoolizado, entrou em seu quarto e a assediou sexualmente. A preocupação da avó era de que o padrasto de Ana poderia ter assediado e abusado da neta.

Durante as sessões, Ana demonstrou um bom discernimento a respeito das situações de violência às quais estava exposta e, notava-se que a cliente tinha uma reserva comportamental significativa concernente à resiliência e enfrentamento. Sobre sua história, Ana contou que o último momento de briga entre seus pais foi quando o irmão mais novo nasceu, explicou que o pai não acredita que o filho seja dele, então sua mãe se separou e foi morar em Curitiba. Disse que havia traição tanto da parte da mãe como da parte do pai, além de diversas mentiras no relacionamento. O pai também batia na mãe.

Já em Curitiba, com sete anos na época, Ana cuidava dos irmãos. A cliente contou que seu irmão tinha três meses e ela tinha que dar banho, cuidar, fazer comida, etc., pois sua mãe saía de noite e não voltava. A cliente disse: “*eu não gostava de brincar de boneca, porque eu tive que crescer muito cedo. Às vezes eu tinha que dar banho de madrugada nos meus irmãos, porque um fazia xixi na cama e sujava o outro e eu tinha que dar banho nos dois*” (sic).

A violência continuou quando Ana foi para a casa do pai. A cliente relatou que o pai é muito nervoso e bravo e que já apanhou, chegando até a não conseguir andar, a “*ficar mole*” (sic). Relatou que em alguns momentos, na casa do pai, tinha o costume de se auto

flagelar; pegava o estilete e cortava sua barriga.

Até sua ida para a casa da avó Maria, Ana estava inserida em situações de risco e de vulnerabilidade social, além de que os recursos familiares eram escassos, o que possivelmente prejudicou o desenvolvimento da cliente e dos seus irmãos que ali viviam.

No começo das sessões o vínculo foi formado de forma relativamente rápida entre a terapeuta e Ana e, logo na primeira sessão, a cliente, emocionada, descreveu sua história. Durante o início do acompanhamento a cliente mantinha um discurso de que poderia ser abandonada novamente, pois nem o pai e nem a mãe quiseram ficar com ela e com os irmãos. Ana demonstrou enorme aversão aos genitores e não conversava com ambos até sua mãe mudar para a casa da avó. Nesta ocasião, Ana apresentou sentimentos conflituosos em relação à mãe. Percebeu-se obrigada a se relacionar com a mãe e, com ajuda da terapeuta, conseguiu fazer isso de maneira diplomática, sabendo descrever que não gostava da mãe, mas que era preciso conviver com ela.

Outros aspectos que foram trabalhados com Ana foram comportamentos de enfrentamento de situações difíceis, autonomia, mudança de rotina, tendo em vista que Ana passava grande parte de seu tempo utilizando o celular, o que causava conflitos com a avó, a qual reivindicava a ajuda de Ana nos afazeres domésticos. Outro contexto de conflito com a avó eram as saídas de Ana para as festas e brigas com o irmão. Estas questões foram sendo trabalhadas e, no decorrer das sessões a terapeuta reforçava os comportamentos de enfrentamento que a cliente apresentava, principalmente no que dizia respeito à mudança de sua rotina e em seus planos para o futuro. A cliente relatou que atualmente tem autonomia e que consegue conversar com a avó e negociar suas decisões, como saídas, compra de roupas, entre outras coisas, e que o acompanhamento psicológico a tem ajudado muito, que não se machuca mais com cortes de estiletes, que está mais tranquila e não se sente ameaçada, já que sabe que não vai voltar a morar com o pai ou o padrasto.

## CONCLUSÃO

Baseado no que foi relatado nesse trabalho, observa-se que a violência pode contribuir negativamente e acarretar prejuízos no desenvolvimento e no bem estar das crianças e dos adolescentes. As consequências desses prejuízos, se tratadas tardiamente, podem causar diversos danos emocionais. Por meio do caso de Ana, demonstrou-se que a violência intrafamiliar e situações de risco podem acarretar falta de confiança, desamparo, medo, ansiedade, dificuldade na expressão dos sentimentos e até prejuízo no desenvolvimento físico da criança e do adolescente.

Ainda que Ana tenha vivenciado um histórico de violência intrafamiliar, possivelmente a atuação da equipe de psicologia do NEDDIJ, a mudança do ambiente familiar, a convivência com a avó materna, regularização da guarda, dentre outras condições favoráveis, propiciaram condições adequadas para aquisição de comportamentos de melhora por parte da cliente. Pode-se dizer que o acompanhamento e trabalho da psicóloga e o ambiente com estímulos reforçadores e não aversivos fez com que houvesse possibilidades da cliente se comportar de forma adequada, com aquisição de conhecimentos usualmente esperados para sua idade. Avalia-se que os efeitos negativos da violência intrafamiliar vivenciada por Ana, têm sido minimizados como consequência do novo repertório comportamental que Ana adquiriu com o acompanhamento psicológico.

## REFERÊNCIAS:

BRANCALHONE, P. G.; FOGO, J. C.; WILLIAMS, L. C. A. Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.20, pp.113-117, 2004.

CALEJON, L. M. C. Desempenho Escolar e Vulnerabilidade Social. **Revista Exitus**. v.1, n.1, jul/dez, pp.149-164, 2011.

DAY, Vivian Peres et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. supl 1, p. 9, 2003.

PEREIRA, P. C.; SANTOS, A. B.; WILLIANS, L. C. A. Desempenho Escolar da Criança Vitimizada encaminhada ao Fórum Judicial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.25, n.1, jan/mar, pp.19-28, 2009.

PEREIRA, P. C.; SANTOS, A. B.; WILLIANS, L. C. A. Desempenho Escolar da Criança Vitimizada encaminhada ao Fórum Judicial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.25, n.1, jan/mar, pp.19-28, 2009.

SIERRA, V. M.; MESQUITA, W. A. Vulnerabilidade e Fatores de Risco na Vida de Crianças e Adolescentes. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 148-155, jan./mar., 2006.

VELTMAN, M. W. M.; BROWNE, K. D. Tree decades of child maltreatment research: Implications for the school years. **Trauma, Violence & Abuse**, v.2, pp.215-239, 2001.

VELTMAN, M. W. M.; BROWNE, K. D. Tree decades of child maltreatment research: Implications for the school years. **Trauma, Violence & Abuse**, v.2, pp.215-239, 2001.